TERCEIRA EDICÇÃO

Razilb é uma nação florescente que se governa a si propria, mas que tem a condescendencia de pagar a um Imperador, para que este a bem da administração publica, das finanças e do publico desenvolvimento do paiz, estude hebraico e outras linguas mortas.

Um dia S. M. o Imperador do Razilb pressente que o seu povo começa a seccar-se com elle e elle com o seu povo. Resolve então viajar.

Além de que, alimentado em Razilb, desde a infancia pelo Manual Encyclopedico do sr. Monteverde (173 edições) adquiriu o vicio inveterado de fallar ao mesmo tempo de tudo o que existe. Ora os seus subditos, pessoas acanhadas e magras, só fallam das coisas que sabem, o que o obriga a uma abstinencia que manifestamente lhe perturba as digestões.

Resolve pois procurar pelo mundo:

1.º — Povos que o achem bem;

2.º — Sabios que lhe digam coisas.

E parte, mascarado de Imperador-democrata, que é como quem diz: chocos-frescos, preto-branco ou piano-forte.

Mette então n'uma malla cosmeticos proprios para a caracterisação de tal typo, algumas calças com fundilhos, pouca roupa branca, e guias que o ensinem a pedir os decilitros, as iscas e os sabios necessarios á sua democratica e encyclopedica alimentação. — Deverão tambem elles ensinar-lhe como em vario idioma se dá vivas á liberdade, á egualdade e á outra coisa: — porque elle intenta voltar á sua terra tão popular, que se lhe possa impingir como a melhor das republicas.

Deixa assim regente a Princeza Zuzu-Bibi-Toto-Fredegundes-Cunegundes etc. (Vide almanach de Gotta) e n'uma prudente lei sobre a escravidão estatue que:

Artigo 1.º Ficam livres todos os que ainda não nasceram no Imperio do Razilb.

O que alegra medianamente os futuros paes.

Então passa 7 mezes e 7 noites a decorar o catalogo de Hachette, de Michel Levy, de Verboeckhoven, de Brockhaus e estes e aquelles, o Diccionario da conversação, etc., relendo sempre o seu Monteverde;

depois do que, jurando nunca deixar a mala, onde leva as piugas e as quinzenas democraticas,

parte de chale manta, chapeu baixo, chapelleira, mala, chinellas de tapete e dezeseis mil e duzentos réis (fracos) por entre as lagrimas e a transpiração dos seus fieis vassallos. (O Razilb é um paiz quente.)

A primeira terra onde aportam, — elle e a mala — é o *Valle de Andorra Junior*, paiz onde a democracia e as laranjas são originarias da China.

Ahi S. M. é considerado levemente infecto e posto de quarentena o que decerto facilita a admiração dos que o querem ver.

O Imperador, porém, afim de se subtrahir a uma justa ovação, declara que é simplesmente e Pedro da Pampulha;

o que causa o maior pasmo aos descendentes dos descobridores das Berlengas.

Então *Valle de Andorra Junior* desata-se em philarmonicas para saudar o Imperador democrata.

As 9 horas da manhã S. M. o illustre Pedro da Pampulha, sente apetites de popularidade e recebe a 1.ª philarmonica: Hymnos.

As 10 horas o dito da sobredita, dá um bocado aos sabios, recebendo o grande poeta Echo de Ovidio e o menino Juju: Lôas.

As 12 horas, segunda philarmonica: polkas e hymnos.

A 1 hora, como a saude de S. M. precisasse de sabios, é recebido um celebre ex-grande professor de arabe, e ex-não-menor professor de litteratura: anecdotas e inscripções.

As 2 horas, terceira philarmonica: contradanças e hymnos.

As 3 horas, é novamente recebido o grande Echo de Anacreonte e Juju menino: trovas e maledicencia.

As 4 horas, quarta philarmonica: *sol-e-dó* e . . . hymnos.

As 5 horas, é recebido o celebre hebraista Sara H: psalmos e lanificios.

As 5 horas, as philarmonicas executam juntas a grande symphonia Hympolnokawalnarsachasolicontradodança.

Como porém S. M. tivesse para ver o mundo, para se instruir, para o exame dos monumentos, dos museus, das collecções, para se popularisar, para comer feijão com couves, etc., apenas 8 dias e dezeseis mil e duzentos réis, apressa-se em partir, encarregando o seu ministro de encarregar o seu consul (pae de Colombo in-8.º) de encarregar o sr. Fó (capitalista) de entregar dezoito vintens ao domno do hotel onde S. M., a sua mala e a sua comitiva residiram.

Posto o que, embarca popularmente n'um catraio e desembarca na capital de *Valle de Andorra Junior*,

onde, sabidos os instinctos democraticos de S. M., se resolve em conselho de estado que o presidente de ministros lhe offereça vinhos e licores, o ministro da justiça doces, e a sombra do ministro da guerra (que então geria os negocios) uns ovos cozidos;

o que o Grande Imperador, que tinha 8 dias e dezeseis mil e duzentos réis, não acceitou por não saber se é *gratis*,

incetando entretanto com alguns sabios illustres uma partida de Petisca.

E visto os seus sentimentos democraticos, em vez de partir raspou-se.

Chega então á tetrica Allemanha (V. de Castilho) — com a mala — onde a popularidade o levou a desprezar a França,

e á França, onde pela mesma nobre aspiração mostrou desprezar a Allemanha: o que ás gazetas do Razilb pareceu generoso, bonito e louvavel.

Então faminto percorreu de chale-manta as sociedades scientificas.

Na geologia descutiu cheio de sympathia o papagaio prehistorico.

Na de bellas-artes descobriu cheio de amabilidade o papagaio (desazado) de Milo.

No instituto de França tratou profundamente dos papagaios em geral.

S. M. o Grande Pedro mostrou sobre estes variadissimos assumptos variados conhecimentos, dizendo coisas populares.

Depois etc. e etc., elle etc., sentando-se sempre democraticamente no meio, bem no meio, o mais no meio possivel dos sabios.

Depois para se popularisar S. M. ensaia no Mabille um modesto *can-can*.

Ao desembarcar em Inglaterra o illustre Pedro pede *rost-beaf*, pudim de cebo e um sabio arabista.

1\. N'essa noite vae ao theatro Covent-Garden, onde observando-lhe que só se entra de casaca

2\. elle declara ser o imperador de Razilb; em resultado do que querem conduzil-o aos camarotes reaes;

3\. mas dizendo S. M. que é um simples particular, lhe declaram que tem de vestir casaca.

4\. Todavia insistindo de novo ser o imperador, insistem em abrir os camarotes reaes.

5\. E como diga ainda ser um particular, é chamado um policia e varios empregados que expulsam popularmente S. M.

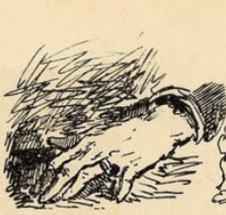
6\. E como este longo dialogo se passou na rua o Grande Imperador retira-se constipado... como um simples particular.

Em Roma o Grande Pedro resolve familiarmente a questão do poder temporal, as differenças politicas da curia e do rei de Italia, as desintelligencias sobre o dogma, e outros; S. M. tem sobre a questão religiosa a seguinte profunda opinião: «Que é uma caturrice».

E com a mala vê a Italia, a Grecia, o Egypto, a Palestina, a Asia maior, a menor, e outras, com a mesma segurança, rapidez e democracia com que passou na Europa por todas as sciencias, instituições e outras.

Na *cavalheira* Espanha (Vid. sr. V. de Castilho, *Os poemas do «Diario de Noticias»*) o cavalheiro Pedro — com a mala — adopta os costumes nacionaes.

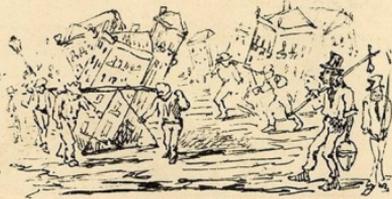
E em atitudes populares percorre os museus de

bellas-artes, de archeologia, de sciencias, etc.

que elle fica conhecendo como os seus dedos;

perseguido por concertos, representações e cantatas cheias de castanhetas e de intenções officiaes, S. M. *se recusa.*

Na primeira cidade de *Valle de Andorra Junior* varios dignatarios esperam tremulos de enthusiasmo bocejando hurrahs e rouços á chegada do Grande Imperador do Razilb.

Abramos um parenthesis para contar dos preparativos para as festas que ahi se fizeram:

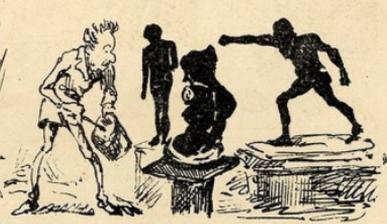
O paiz mascarou-se: Conscio do seu pulhismo evitou apparecer tal como é.

Mudou-se tudo.

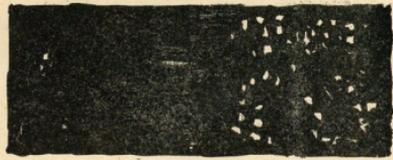
Para lisongear o eloquente viajante deu-se ás estatuas nacionaes um aspecto duplamente symbolico.

Então o illustre inspector da academia das bellas-artes do *Valle de Andorra Junior* projectou uma exposição de pintores, tão completa que figurassem n'ella mesmo os que nunca existiram.

Alguns grandes artistas sáem do tumulo para esse fim. Mas como a arte em *Valle de Andorra Junior* vive á custa de cuidados e estufas, o mau tempo impede a exposição: Camões e o Jau, Eneas e Anchises, D. João de Portugal, Salvador Rosa e uma panella, o Cardeal, etc., e outros assumptos, recolhem a suas casas tranzidos e sem verniz.

O inspector da academia achando que na arte *andorriana* ha um pintor de mais e outro de menos, escreve, para offerecer a S. M.. uma memoria em que falla de Vasco, auctor de artigos violentos no *Diario Popular*, e de Christino, pintor mytico da edade média.

Como porém a chuva continuasse e não podesse haver a exposição

deu-se ao museu de esculptura um aspecto que lisongesse o illustre visitante.

No entanto nas casas da baixa damas gordas e cavalheiros pallidos produzem para uso particular do Imperador polkas e fados.

E nas illuminações que se projectam descobrem-se fórmas de pyramides inteiramente novas.

No frontão do theatro nacional o grande Vicente atavia-se de um modo lisongeiro a S. M. de Razilb.

Na associação de agricultura, creada com o fim expresso de quatro directores jogarem o whist, ensaia-se uma sessão com muitos discursos, muita concorrencia, muita animação, estudos praticos e coros pastoris.

E na academia das sciencias, onde *nem sequer* se joga o whist, distribuem-se lições aos socios para fingir que se trabalha.

. . . .

O sr. presidente põe uma carapuça no sabio conselheiro hellenista por não saber declinar Razilb em grego.

. . . .

O sr. presidente — Menino Echo, diga já quem é Shakespeare ?
O grande poeta Echo — (chorando) Não sou eu !
O sr. presidente — Quem é Virgilio?
O grande poeta Echo — (soluçando) Não torno mais !
Os demais academicos encetam em côro os seus discursos.
O illustre Bibliographo de *Valle de Andorra* ensaia-se n'uma aria de assobio.
A porta os correspondentes fercejam, cheios de odes, para serem admittidos.

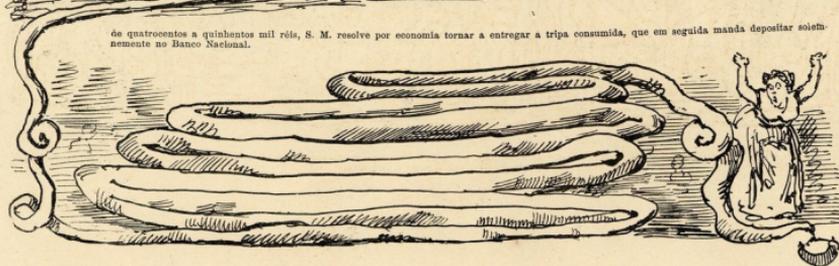
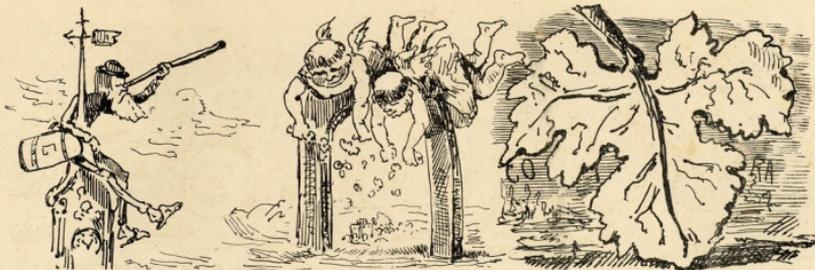
Finalmente o grande imperador chega mais popular do que nunca: vê-se n'elle a democratica chinella, o democratico remendo, o democratico chale manta — e a mala.

Chega assim a uma cidade de *Valle de Andorra Junior*, especie de Troia onde seu pae se vira grego e onde seu tio não conseguira chegar a cavallo de pau. Ahi evita, com democracia e com a mala, os festejos e os arcos de papellão e caminha em carro de bois pelos becos invictos.

Depois do que, vestido á moda do paiz, com o seu ministro e o seu consul (Colombo in-8.º), se lança n'um baile dado em sua honra, de tamancos—nas walsas voluptuosas.

Emfim, como n'essa cidade não ha sabios, S. M. pede tripa, comida nacional, de que consome para se popularisar quantidades fabulosas,

como, porém, o consumo feito em tripa popular fosse

de quatrocentos a quinhentos mil réis, S. M. resolve por economia tornar a entregar a tripa consumida, que em seguida manda depositar solemnemente no Banco Nacional.

E como tem apenas oito dias e dezeseis mil e duzentos réis para fazer a viagem do mundo, vê de cima d'uma torre Braga por um canudo,

entrando em seguida na parte do paiz onde os babitantes são catholicos e gordos, por sob arcos d'onde alguns ecclesiasticos com azas e discursos lhe arremeçam flores.

Sobre o que se passou na Universidade de *Valle de Andorra Junior*, corre-se por pudor um espesso veu.

Como S. M. tem visto a correr o mundo, os monumentos de *Valle de Andorra* tomam elles mesmos o amavel expediente de correr por diante do Imperador democrata, que como se sabe tem só para ver o mundo oito dias e dezeseis mil e duzentos réis fracos.

E por toda a parte em *Valle de Andorra Junior* como na Europa, as philarmonicas offerecem a S. M. diplomas de socio e de caixa de rufo honorario.

E como elle tivesse declarado que era apenas o Pedro da Pampulha, e este individuo fosse muito popular em *Valle de Andorra Junior*, acontece que confundindo-os o publico, se verga respeitoso diante de um, permittindo-se facecias com o outro e vice-versa.

Então S. M. faz a sua entrada popular na capital de *Valle de Andorra Junior*.

Indo alojar-se na mais popu lar estalagem, elle que é democrata e que tem só dezeseis mil e duzentos réis para ver o mundo.

Motivos que o levam no dia seguinte a banhar-se levemente no chafariz de Fóra e a

comer as populares iscas e a conhecida D. Dobrada.

Faz depois a mais popular das toilettes,

e mettendo-se com a sua comitiva n'um trem popular, entra no Paço a visitar El-Rei,

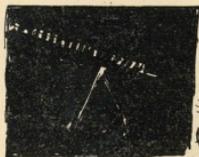
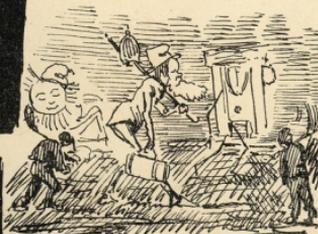
saindo á pressa a visitar os monumentos nacionaes (porque tem só oito dias e dezeseis mil e duzentos para ver o mundo.)

Suas Magestades o rei e a rainha e toda a côrte de *Valle de Andorra Junior*, sabendo os gostos de S. M. o Imperador, visitam-n'os em trajos populares. Os jornaes gabaram n'este sentido a gebisse do gabão de El-Rei a do capote e lenço da Rainha, bem como as augustas fraldas dos Principes.

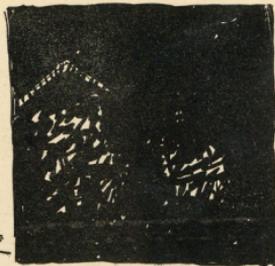
E a academia das Sciencias mostra-se-lhe no mais popular *deshabillé*.

Sómente os academicos se não atrevem a mostrar-lhe as costas, problema que só resolvem tirando-as.

Emquanto o grande Helenista etc., faz encolhendo os hombros a solemne cortezia a tres tempos que se deve aos Imperadores.

S. M. então, ouve com impaciencia, (elle que tem só oito dias e dezeseis mil e duzentos réis para ver o mundo) os coros ensaiados e encarrega a Academia, pela sua sciencia, pelo seu genio, pela sua historia, pela sua philosophia, de procurar o tumulo de Herodes na Redinha.

Depois passeia pelas illuminações da cidade onde as luzes e as sombras tem proporções desmedidas.

E ao nascer do sol S. M., que tem só oito dias e dezeseis mil e duzentos réis para ver o mundo, visita estremunhado os monumentos.

E n'essa tarde elle vae ao peixe frito das hortas e dá uma licção de popularidade a El-Rei de *Valle de Andorra* que bate um fado complacente.

E depois, lembrando as noites em que á sombra dos coqueiros patrios elle recitára lyrico a «Joven Lilia abandonada» (pelos leitores ha muitos annos) leva cheio de meigos sentimentos ao doce Echo uma folha e uma madeixa (Lembremo-nos que S. M. tem só dezeseis mil e duzentos réis para ver o mundo).

Continúa a illuminação.

Tencionando El-Rei de *Valle de Andorra Junior* dar a S. M. o Imperador uma soirée, este declara que para bem do seu cerebro, coração e outros intestinos, precisa que se convidem litteratos.

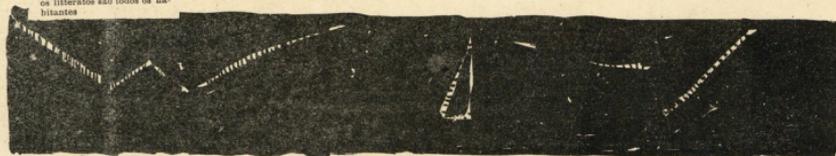
El-Rei consulta o ministerio e ficam todos suspensos:

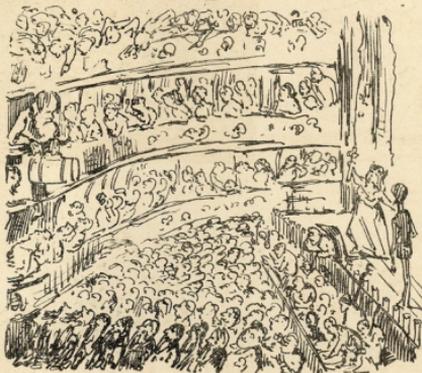
El-rei — Convidarei só os 500:000 mais notaveis! os que são muito notaveis?

Convidarei todos os litteratos?... Mas são todos os meus subditos!

Pergunta-se á academia das sciencias quantos são os litteratos. Averigua-se que em *Valle de Andorra Junior*, os litteratos são todos os habitantes

e mais seis

Partem carros cheios de cartas para Bajouca de Cima, Pico de Regalados, etc.

E depois, as illuminações cada vez mais brilhantes.

Theatro de declamação de Valle de Andorra Junior

O *Gladiador de Ravenna* — Aspecto da sala no 1.º acto.

O *Gladiador de Ravenna* — Aspecto da sala no 2.º acto.

Meia hora depois de terminada a tragedia o director do theatro vê-se obrigado a prevenir os espectadores de que estando o gaz a gastar-se elle lhes pede que saiam.

S. M. vê enternecido no museu archeologico um burro prehistorico, e frades de pedra.

O director do museu explica ao Imperador como para o sobredito burro, que desenterrou em Chellas, elle tem sido uma segunda mãe.

O grande fabricante da Historia de *Valle de Andorra Junior* e o grande historiador do azeite idem (auctor do *Cavaquinho do Crente*) recebe a visita em ceroulas do grande Imperador em chinellos.

Como um despreza a aristocracia e o outro despreza as letras, combinam communicar seus pensamentos em dialecto gallego.

O almoço é servido por tres vaqueiros loiros.

Terminam as illuminações como se vê... ou antes como se não vê.

S. Magestade, depois de jantar no paço real cabeça de porco com grelos, cabeça de porco com feijão branco, e cabeça de porco com cabeça de porco, escuta fazendo a digestão um concerto bom... um bem bom concerto.

E, não querendo acceitar os gelados reaes, vae, cheio de sede e de democracia, beber popularmente capilé de cavallinho.

E regressou emfim ás suas terras (elle que tinha oito dias e dezeseis mil e duzentos réis para ver o mundo) com 16 moedas. fracas

Apontamentos e recordações de viagem do Imperador de Razilb: fac-simile de uma folha da sua carteira

A viagem que fica brevemente descripta, e aquella guerra em que se roubaram os relogios que sabem, são os dois factos mais notaveis do seculo em que vivemos. Assim, os dois maiores vultos que mais admira o mundo são o Imperador do Razil e o outro.

Vós sois, oh! sim, os maiores homens da historia! Vós sois grandes, vós sois immensos!... Mas olhai cá: — Qual de vossês é maiorzinho?